

**Theatrologia**

OS LAZARISTAS. — O CONSERVATORIO E JOÃO CENSURA



O Conservatorio foi o estende encolhe d'esta questão.  
Encolheu-se mordendo o nariz do auctor.  
Reprovou — 1875.

Estendeu-se beijando o nariz do auctor.  
Approvou — 1878.

Parabens a João Censura e um abraço. Já não é João Censura — é o João Approva (aqui disse Elcasar o calebroustista. — João á..... á..... á..... prova..... d.....tudo).



Se é amigo o que apresenta uma peça, o Conservatorio diz, sem ler, ai sim amiguinho, ai sim.



Se é um estranho ou inimigo — Ai não, seu pateta, ai não.

Oh! critica. Oh censura, que és como Piroletto.

À critica de Joanito  
É critica de João Estão  
Ai sim, Joanito, ai sim,  
Ai não, Joanito, ai não.



Enquanto todos exultamos, vê o auctor os direitos da sua peça como S. M. costuma ver os astros, por um oculo.

Quem não verá por um oculo o publico e os seus amigos na noite de 24 é o Silva Pereira, que fazendo O Primo Basilio nos mostrará o que são sensações novas.

Creio que ninguém faltará, pare apprende.



Vem excellente o n.º 8 do *Occidente*, folha illustrada que se publica em Lisboa.

Em uma das paginas traz a miniatura de um primoroso quadro pintado pelo distincto artista Manoel Maria Bordallo Pinheiro.

Intitula-se esse quadro — *O Reclamo*.

*Exercícios para aprender a escrever brincando*, é o título de umas cadernetas; com o uso das quaes, as creanças poderão aprender a escrever sem grandes enfiados.

Deve-se esse serviço ao incançavel Sr. Mezenes Vieira.

*Panças e Finanças*—chama-se um espirituoso e mordaz poema do Sr. Wilkes.

A Sociedade *Phenix Litteraria* continúa a publicar regularmente as suas revistas.

Agradecemos os exemplares de todas estas obras com que fomos obsequiados.

## AS EXEQUIAS.



lhem só a alegria do *Apostoto!* E' que o nosso volumoso collega já havia perdido as esperanças de vêr aqui celebradas exequias por alma do Pio IX, e agora quando menos o pensava viu-as realisadas e com toda a solemnidade — como o annunciou o programma.

Parece-nos, no entanto, muito tardia a solemnidade que, em honra á memoria d'aquelle que foi um santo, segundo autorizadas opiniões, effectuou-se terça-feira ultima, na Imperial Capella, e com a assistencia da imperial familia.

Já ha tres mezes, talvez quatro, que a alma do santo varão abandonou o terrestre involucro (deixem passar, realistas...) e alou-se nas brancas e transparentes azas da santidade até ás regiões celestes; desde então, em toda a parte onde o catholicismo tem um templo e um ministro, os officios religiosos se tem succedido, todos dirigidos á caridosa intenção de expurgar de não conhecidas nem comprovadas maculas, o espirito superior

do que lhes fôra e por longos annos o chefe espiritual.

No imperio, todas as cidades, pequenas villas, humildes freguezias, capellas particulares, cathedraes de todas as provincias, celebraram com a possivel pompa e com a *possivel* devoção, os officios sagrados que eram obrigadas a effectuar, e por mais de um dever, fôra o religioso.

Mas tudo isto em tempo.

Deixar, porém, passar 100 dias, para fazê-lo, a capital do imperio, parece-nos que é por mais de um motivo, censuravel; á nós, pelo menos, tal acto desafia-nos mais de um zumbido curioso, mais de um zum-zum de mófa.

Se a autoridade ecclesiastica entre nós suppõe com bastante fundamento, que a alma de Pio IX, ou de outro qualquer, pôde sem grave prejuizo e sem notavel inconveniente esperar tanto tempo, e mais que fosse, pelos officios a que tinha direito, então... perdê-nos o governo, que é a sua vez, não se deviam ter celebrado agora taes exequias e com uma solemnidade que absorveu quatro contos de réis dos cofres publicos, pela simples razão de que tal despeza não a comporta o actual orçamento — essa mesma simplicissima razão que tem sido atirada aos operarios despedidos, e que mais precisam — affir' mamol-o nós — do pão para a sua existencia, do que a alma do fallecido papa, de officios para seu descanso. Mesmo porque a sua apregoadá santidade, nunca contestada, os dispensava.

Se, porém, maior ou menor demora traz sensiveis inconvenientes no fim a que se dirigem essas exequias, então... perdê-nos a autoridade ecclesiastica, que é sua a vez, é mais que uma falta, é um crime ter deixado escoarem-se 100 — cem! — longos dias depois da morte do seu adorado chefe, para então prestar-lhe as merecidas honras: no 8.º ou no 30.º dia uma missa rezada mesmo, em todas as igrejas da capital pelos respectivos vigarios assistidos de todas as irmandades — era um modo solemne tambem, e muitissimo respeitavel, de serem effectuadas as exequias, que teriam sobre outros mais dous meritos: de virem a tempo e prestarem talvez de alguma cousa á alma do santo varão a que eram dirigidas e dispensarem o arruinado governo de gastar quatro contos de réis fóra do orçamento, em cujo nome se tem arrancado ao pobre trabalhador e honrado, o unico meio de prover á subsistencia da familia.

Em tal dia, poder-se-hia gastar mais uma pollegada de cêra em cada uma das velas do altar, os sinos dobrariam a mais — se é possível, do que o fizeram na terça-feira — por mortos; e Sua Magestade, com a imperial família, apesar de não encontrar allí uma festa — festa funebre, já se vê — iria do mesmo modo á capella, e n'um recolhimento de espirito todo religioso dirigiria uma prece sincera ao Altissimo, por aquelle que já não é dos nossos. O effeito seria o mesmo, ou diverso — para melhor.

Ou então não se faria nada d'isso: dir-se-hia a missa sem mais um desperdicio de cêra ou do badalo dos sinos; e Sua Magestade não se apresentaria — como não se apresentou na sessão funebre por alma de Victor Emmanuel. Com isso nada se perderia.

Assim o fizeram Itú, Chapéo d'Uvas, Sorocaba, Botucatu, e mais todos os outros lugares em que ha catholicos e em que os catholicos tem mais juizo do que dinheiro — provando por este modo terem mais alguma cousa do que nós.

Porém aguas passadas nada fazem; e como não morre um Papa todos os annos, e tal despezza não se reproduz muitas vezes, limitamo-nos a aconselhar o governo que ponha esse gasto na rubrica — lucros e perias, e o nosso collega do *Apostolo* que meça os limites de sua alegria n'um acto de todo o ponto serio e triste — as exequias de Pio IX.

E exequias de quatro contos de réis!

### Noticiario



oram supprimidas, por ultimas determinações do ministerio da marinha, mais algumas officinas do respectivo arsenal, entre ellas as de cordoeiros e tanoeiros, que *encordoaram* todos indistinctamente com a suppressão.

Anda *piatando*... o Sr. Andrade Pinto!

A ultima conferencia do Dr. Trovão no Pedro 2.<sup>o</sup>, rendem 67\$000 para os retirantes e um *tento* para o *Cruzeiro*, que foi o primeiro a dizer que progredir é mudar.

Positivamente o Dr. Trovão mudou... do S. Pedro para o Imperial Theatre.

Por isso progrediu... nas idéas.

O nosso collega Patrocínio, o Livingstone das inhospitas plagas (chapa antiga, mas ainda em bom uso) do norte, só levou d'aqui uma sau-

dade: do bife de Londres, e do Bourgogne do Araujo.

E' que é terrivel a perspectiva das cousas lá por aquellas regiões, em que todo o dia um homem namora um boi e não sabe se o carará... só em intenção e boa vontade.

No *Cará* é justamente onde está a duvida.

Chegaram hontem e acham-se *entre nós* (!) os nossos respeitaveis amigos Conselheiro Bezerra, da Vaccaria, e Dr. Farinha, de Suruhy. Vieram sem escalas, isto é, directamente.

Depois das hypotheses que *ferrou* no publico, afinal o Sr. Dr. Ferreira Vianna fez a sua conferencia sobre as estradas de ferro, e sobre o estrado da tribuna da Gloria.

Gloria foi a dos assistentes, que se livraram d'esta vez, da 3.<sup>a</sup> edição d'aquelle discurso sobre a instrução publica, recitado sempre pelo Sr... pelo Sr...

Ora lá me esqueci do nome do Sr. conselheiro Corrêa!

Ha poucos dias seguiu para a Europa o Elyσιο do *Jornal do Commercio*.

Segundo o exemplo, e o collega, tambem acaba de partir para o mesmo destino o Leonardo da *Gazeta de Noticias*.

*Les deux s'en vont*—disse o Sr. Picot...

*Et les dieux aussi*—disse não sei quem.

Não fui eu—nem o Zé, que está fóra.

Já está fóra da moda o *Prino Basilio*, o *enfant gaté* cá da rapaziada litterata.

E' que já passou a quadra: depois d'isso, já vieram a ressaca, a conferencia Natureza, as exequias de Pio IX, a companhia Emilia Adelaide e o vapor do norte.

Decididamente já não ha sensações novas!

Consta que o governo vai nomear para uma das cadeiras do reformado collegio de Pedro 2.<sup>o</sup>, o antigo professor Sr. conego Honorato.

Sobre ser justa a escolha, pois que o Revm. sabe lidar com meninos, é ella muito acertada, na quadra excessivamente economica que atravessamos.

Delegado de um governo o mais suppressor que ha, economicamente fallando, S. Ex.<sup>a</sup> Revm. saberá supprimir os alumnos que forem de mais, pelo processo de Saturno... o mais antigo.

Em fallando-se de collegio, não se deve deixar de dar uma *noticia* do do Abilio.

Pois se ha tanto que nem se falla n'elle, n'esse collegio modelo, antigamente nos galarins da fama e da moda!

Tambem isso foi em outros tempos: de então para cá... *quantum mutatis ab illo!*

Quanto mudastes Abilio!

O noticiario,  
KARLO MELLO.

**Politica.** — Parodia das exequias a Pio IX dada no dia 14 do corrente na Capella Imperial.  
**A GRANDE ORCHESTRA.**



A policia era feita por um frade nédio e lazido — que commandou as desgrazas, semindo apenas que os tiros não fossem de bala. *Notandum!*

Tudo era fingido — lhama, sarrafos e papel dourado — tão bem fingido como os sentimentos catholicos de SS. Ex.<sup>as</sup> — O furor democrata de SS. Ex.<sup>as</sup> produziu sem duvida este incoherente *changement* para desmoralisar o culto, aliás o Governo das economias não daria quatro ou cinco vintós de réis para a obra de tão ruim defuncto.  
A luz avermelhada dos tocheiros, reflectindo-se nos ouropeis, formava sobre este quadro uma cupola de faces pallidas dos famintos do Ceará e de tantas desgrazadas a quem a ironia economica arrancára o unico sustento.

## Os Lazaristas.



rimeiro acto.

Chega o Sr. Arêas da Ilha do Governador. Volta mais velho do que fôra; mas ainda está vigoroso.

Aparece a Sr.<sup>a</sup> Maria Adelaide, que é filha do Sr. Arêas. Vem em seguida o Sr. Furtado Coelho, que é primo da Sr.<sup>a</sup> Maria Adelaide e sobrinho por consequencia do Sr. Arêas, que é muito seu amigo.

— Como passou, como lhe foi, etc. e tal, e começam a fallar da Sr.<sup>a</sup> Appolonia, que tem estado no convento dos Capuchinhos, d'onde esperam que volte em breve.

\* \* \*

Palavras não eram ditas, entra o Sr. Torres, que se entende (na peça, está bem visto) com a Sr.<sup>a</sup> Maria Adelaide.

D'ahi a pouco apparece a Sr.<sup>a</sup> Appolonia acompanhada pelo Sr. Martins.

A Sr.<sup>a</sup> Appolonia traz um chapéu á *bergère* e um denso véo negro.

Vem abatida e triste.

Grande recepção! Muito abraço, muito beijo, ora ainda bem, etc. e tal.

O Sr. Arêas recorda então que a Sr.<sup>a</sup> Appolonia ainda não fallára a seu primo Luiz Candido Furtado Coelho. Mas a Sr.<sup>a</sup> Appolonia é uma ingrata e apenas põe os olhos no seu primo o referido Sr. Luiz Candido Furtado Coelho, official da ordem de S. Thiago, auctor do *Bom Anjo da Meia Noite* e o creador do *Kean* fluminense, a Sr.<sup>a</sup> Appolonia dizemos, depois que põe os olhos no referido etc. e etc. e etc, põe ao mesmo tempo o véo no rosto!

Sensação!

O Sr. Furtado embirra com o caso, começa a ter ciúmes do Sr. Martins e ali começa o desenvolvimento do drama e a soltura das paixões.

Um pouco mais tarde a Sr.<sup>a</sup> Appolonia é convencida pelo Sr. Furtado Coelho de que é uma ingrata e aceita de novo um anel, penhor de eterno amor.

A Sr.<sup>a</sup> Maria Adelaide e o Sr. Torres combinam se para impedir o casamento do Sr. Furtado, auxiliando o Sr. Martins, que quer casar a Sr.<sup>a</sup> Appolonia com S. Vicente de Paula.

Estão as cousas n'este pé, quando cai o panno, no fim do 1.<sup>o</sup> acto.

\* \* \*

No intervallo a gente vem cá fôra, ao jardim, dá dous dedos de cavaco a um conhecido, começa a fumar um charuto, volta para a platéa, olha para os camarotes, sorri-se, vê o Sr. Cavallier empunhar o arco da rabeca, ou quer dizer a batuta, senta-se e espera que suba o panno.

\* \* \*

## Segundo acto.

Estamos na sachristia da igreja do Parto. No fundo ha dois grandes quadros: o retrato do *Canivete*, do lado direito do espectador, e o retrato de um cégo, que pede esmolla á tarde no largo de S. Francisco de Paula.

O Sr. Martins é informado pela Sr.<sup>a</sup> Maria Adelaide, do que se tem passado.

— Deixe correr o marfim, diz o Sr. Martins.

Entra depois a Sr.<sup>a</sup> Clelia. Está velha e com rheumatismo, e vem apoiada no braço do Sr. Souto-Maior, que é seu sobrinho.

Chega a Sr.<sup>a</sup> Adelaide Pereira, com um penacho escarlate no tontico, chega o Sr. Torres, que vem em procura da Sr.<sup>a</sup> Maria Adelaide, e chega a Sr.<sup>a</sup> Helena d'Alberny que vem ver se seu marido está na orchestra ou tem ficado no jardim a *conquistar*.

Estabelece-se um cavaco animado e que é interrompido pela entrada do Sr. Phebo, que vem assás contrariado.

O Sr. Phebo metteu o nariz onde não era chamado, e foi apunado. Lastimam-no os seus companheiros de arte e sachristia, e a peça continúa, não sem alguns episodios.

Por exemplo:

O Sr. Torres, que é voluvel, aproveita-se da sachristia para namorar a Sr.<sup>a</sup> Helena, que não é indifferente aos seus requeros.

N'esta occasião o Sr. Cavallier tem ido ao archivo buscar musicas para o intervallo.

A Sr.<sup>a</sup> Maria Adelaide vê o Sr. Torres a namorar a Sr.<sup>a</sup> Helena, não pôde soffocar os ciúmes e zás, faz escandalo, sem se lembrar de que se podia vingar indo ao archivo escolher alguma polka com o Sr. Cavallier.

Aparece depois a Sr.<sup>a</sup> Appolonia, acompanhada por um filho da Sr.<sup>a</sup> Helena, a filha da Sr.<sup>a</sup> Clelia, e outras filhas, não sabemos de quem.

O Sr. Martins começa a fallar, a fallar, a fallar, a dizer bem de S. Vicente de Paula, e mal do Sr. Furtado Coelho, apesar d'este ser seu empregario, ou por isso mesmo, e a final consegue que a Sr.<sup>a</sup> Appolonia lhe dê o anel (penhor de amor eterno) para o entregar ao Sr. Furtado Coelho.

O Sr. Martins fica em scena e os outros vão para os camarins.

Entra apressado o Sr. Furtado Coelho, que vem chamar as Sr.<sup>as</sup> Appolonia e Maria Adelaide para assistirem aos ultimos momentos do Sr. Arêas, que comera umas cousas que não lhe fizeram bem ao interior.

O Sr. Martins então conta-lhe, tim-tim por tim-tim, o que se passou e passa o anel ás mãos do Sr. Furtado Coelho.

Este esbraveja, berra, diz cousas extraordinarias, e alli nas barbas do Sr. Chefe de Policia jura matar S. Vicente de Paula ainda que seja com as armas de S. Francisco, onde quer que o encontre, ou no Rocio ou nas Larangeiras, ou na Tijuca.

Ao mesmo tempo pensa o Sr. Furtado, que se ficar com o anel é elle quem tem de ir para

a berlinda. Por isso jura tambem passar outra vez o anel á Sr.<sup>a</sup> Appolonia.

Cai o panno.

No intervallo a gente vem cá fóra ao jardim, dá dous dedos de cavaco a um conhecido, accaba de fumar o charuto encetado no outro intervallo, volta para a platea, olha para os camarotes, sorri-se, vê o Sr. Cavallier e espera que suba o panno para o

*Terceiro acto.*

Está bem mal o Sr. Aréas.

Já quasi que não pôde andar.

A Sr.<sup>a</sup> Appolonia está fomentando-lhe o estomago e a paciencia. As agonias, porém, augmentam. O Sr. Aréas não quer ir para o camarim, sem que a Sr.<sup>a</sup> Appolonia jure que hade receber o anel do Sr. Furtado e casar com elle.

Com muita razão observa D. Appolonia que não pôde casar com o Sr. Furtado — ama-o muito para que o obrigue a uma bigamia; e depois — a Sr.<sup>a</sup> D. Lucinda está vendo tudo quanto se passa e necessariamente não havia de gostar vêr o seu marido dar o doce nome de esposa a uma outra mulher.

Apezar de tão ponderosas razões, o Sr. Aréas continúa a pedir a Sr.<sup>a</sup> Appolonia que accete o tal anel.

Estão n'isto, quando apparece o Sr. Torres, trazendo um recado do Sr. Martins, que ficou lá dentro a conversar com a Sr.<sup>a</sup> Clelia.

O Sr. Martins, manda dizer ao Sr. Aréas, que a Sr.<sup>a</sup> Appolonia casará com o Sr. Furtado, se o Sr. Aréas assignar um papel em que declare que é falso tudo quanto disse de máu, uma noite no Console a respeito de S. Vicente de Paula.

O Sr. Aréas resiste.

O Sr. Furtado aconselha-o a que não volte com a phrase ao buxo.

A Sr.<sup>a</sup> Appolonia pede-lhe que engula o que disse.

Dura esta lucta tres dias e tres noites e a final o Sr. Aréas assigna o tal papel e morre no bastidor.

Vergonha eterna!

O Sr. Furtado toma as dôres pelo finado e descompõe o Sr. Martins.

A Sr.<sup>a</sup> Appolonia opta por S. Vicente de Paula, o Sr. Torres pela Sr.<sup>a</sup> Helena e a Sr.<sup>a</sup> Maria Adelaide jura vingarse.

O Sr. Furtado vai para a berlinda, porque foi elle quem ficou com o anel.

E ahí está o drama — *Os Lazaristas.*

## ZUMBIDOS.

Elle não devia haver zumbidos hoje, eu sei porque, e o Chaves tambem....

Mas enfim, para que se não diga que o damado badalar dos sinos *por culpa* das exequias, tirou-me o juizo, que eu tenho, á parte a modestia, não quero d'esta vez deixar de zumbir.... por excepção.

E a proposito de exequias, lembra-me do

incendiario folhetim que publicou o meu amigo Fontoura Xavier, no dia da sua celebração — celebração das exequias, não do amigo Fontoura, que esse não ainda foi celebrado....

O tal folhetim, em verso para ser mais forte, foi por seu auctor intitulado — *Uma pá de cal*, mas com certeza não era de cal que elle vinha cheio. O *Apostolo*, por exemplo, chamou aquillo uma pá.... de pedra, pelo peso que lhe fez no coração.

Uma pá de cal...! *pas de calembourg* amigo Fontoura!

Quem deve ter ficado mesmo contente, menos pelo grande numero de ouvintes que teve na sua conferencia, do que pelas boas noticias que d'ella deram todos os nossos diarios, é sem duvida alguma o illustrado Sr. Dr. Ferreira Vianna. Olhem que foi cada oratorio.

Até houve um, não direi qual, que ao terminar a local fel-o da seguinte exquisitissima maneira: « o orador ao descer da tribuna foi felicitado pelo illustrado auditorio, que durante este tempo pendia dos labios de sua encantadora palavra. »

Ora realmente já não são poucas as chapas que a imprensa tem gasto em proveito unico do illustrado conferente, mas diversas vezes e pelos diversos modos que se tem manifestado em publico, mas d'ahi a ter-se esgotado o supplemento....

Os torneos da palavra, a pujança, a força, a doçura, a auctoridade, e mil outras cousas da palavra, já tinham sido ditas. Era forçoso inventar alguma novidade, e então vieram — os labios da palavra, para variar a palavra dos labios....

E eu não poder dizer qual foi o collega que o disse! Pois se me prohibiram de fallar no *Cruzeiro*!

Pois nada direi. Ficarei a esse respeito mudo, mudo como o Conservatorio Dramatico quando é interrogado pela imprensa — e o tem sido por toda ella — sobre o negocio dos *Lazaristas*.

E' verdade que o Sr. Cardoso de Menezes, tendo visto as cousas enfiarrucadas com a actual situação, deve dispensar agora os maiores cuidados ao seu *bispado*, para que o não obriguem a resignar... e portanto tem mais que fazer.

Mas quanto ao Sr. Machado d'Assis, esse pôde dizer alguma cousa sobre o assumpto, visto que, como a D. Carolina, da *Moreninha*, foi mas votou contra... como sempre faz, quando não faz o contrario, isto é, não vai, mas vota a favor.

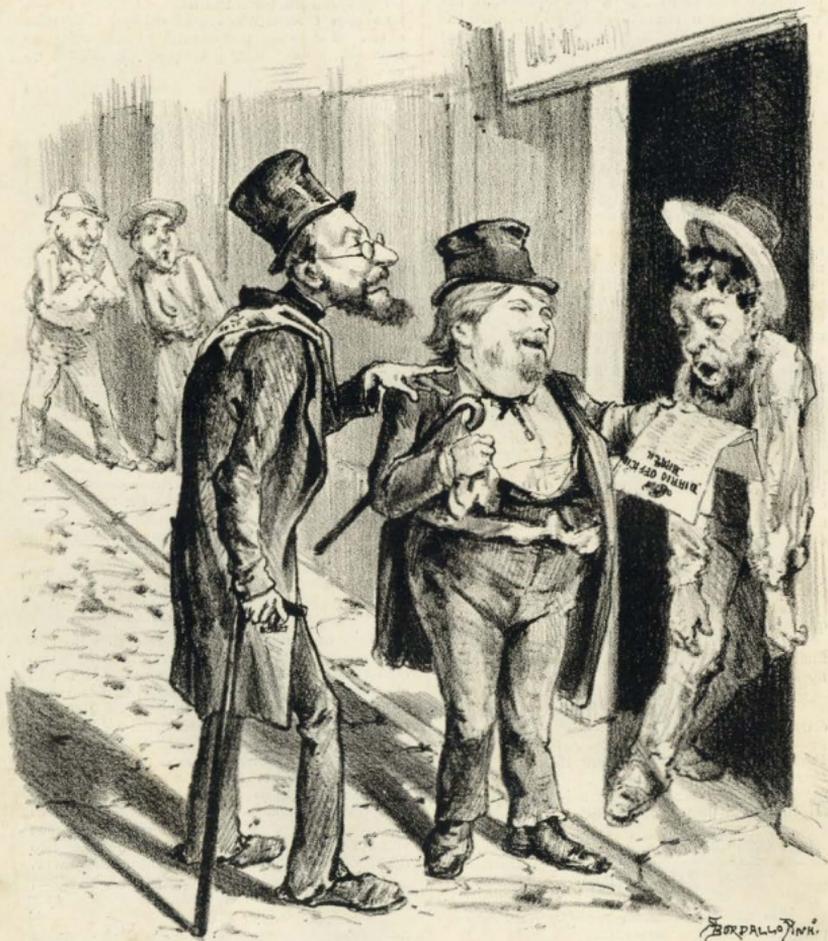
Ao menos esse podia explicar-se... devagar, já se vê, para não se enganar....

..... como se enganou o gajo que por descuido levou para casa as joias de Sua Alteza, julgando que eram suas, d'elle.

Nem podia ser por outra cousa senão por um desculpavel engano, e um simples descuido; pois haverá quem ignore que as *cousas*, como as pessoas imperias, são sagradas — e inviolaveis?

D. FILHO.

## Os meirinhos politicos.



Sr. Commendador, queira V. S.<sup>a</sup> perdoar, mas á vista das ultimas ordens, temos de dizer a V. S.<sup>a</sup>:  
*Olhe esses Cobres que saiam, são commendasinha p'rodeposito. — V. S.<sup>a</sup> desculpará mas é p'ra já—Estamos nas inco-*  
*nomias e é preciso o cobre, já viu?*  
*Pague e não bufe.*  
 E demais, seu vendeiro; quem quer *uste que lhe custe*; para que diabo quer você a commenda se está sempre em mangas  
 de camisa?  
 Vá, escarre os cobres — ou se V. S.<sup>a</sup> quer dar uma *pelanca* de cinco mil, p'ra cachaça, fazemos que o Sr. Juiz espere  
 até amanhã. — *Chegada de V. S.<sup>a</sup>*

Borpallo Pinã.